

Ecléa Bosi: formando o olhar de testemunhas do presente*

DEPOIMENTO

Resumo: Ecléa Bosi é professora titular da Universidade de São Paulo desde 1982. Em 2008, recebeu do Instituto de Psicologia da USP o título de “Professor Emérito”, em reconhecimento por sua obra e suas realizações na área de Psicologia Social. Tem uma significativa obra no campo da psicologia social brasileira. Entre seus livros, destacam-se “Memória e Sociedade – lembranças de velhos”, “Cultura de massa e cultura popular – Leituras de operárias” e “O tempo vivo da memória”, entre outros. Seus trabalhos também são referência para outras áreas das ciências humanas, por sua capacidade de entrelaçar arte e ciência. São reconhecidos não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos e na Europa, e se destacam pelo interesse na memória oral. Das pesquisas sobre a memória dos idosos, Ecléa criou a Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), programa da USP amplamente reconhecido por sua importância como espaço de participação social e de ressignificação da vida, que está completando vinte anos.

Palavras-chave: memória oral; psicologia social; Universidade Aberta à Terceira Idade; UATI; idosos.

Abstract: Ecléa Bosi is professor at University of São Paulo since 1982. In 2008, she received from Psychology Institute at USP the qualification of Emeritus Professor, in recognition for her work and accomplishments in Social Psychology studies. She has a significant work in Brazilian field of study on Social Psychology. Among her books, we mention: “Memória e Sociedade – lembranças de velhos”, “Cultura de massa e cultura popular – Leituras de operárias” and “O tempo vivo da memória”, among others. Her works are also references to other fields of Humanities, for her ability to intertwine arts and sciences. They are not only recognized in Brazil, but also in the United States and in Europe, and they stand out for the concern with oral memory. Among the researches on the memory of elderly people, Ecléa has created the Open University for the Third Age, a program at USP widely recognized by its relevance as a space for social participation and for resignification of life, which is completing twenty years.

Keywords: oral memory; social psychology; Open University for the Third Age; Elderly people.

A INFÂNCIA SIMPLES E O INÍCIO DA CARREIRA ACADÊMICA

Meus pais, Antonio e Emma, foram pessoas simples, ingênuas, confiantes... Ambos escreviam poesias. Meu irmão Sérgio e eu, sempre líamos o mesmo livro, cabeças unidas, virando cada página juntos. Esse hábito de leitura fraterna nós conservamos até a juventude (ele morreu jovem).

Até hoje me causa admiração a maneira pela qual as pessoas pouco letradas, sem cultura acadêmica, levam a sério o que leem. Sem mediação alguma

Recebido: 19/02/2013

Aprovado: 02/04/2013

* Parte deste texto foi escrito para o discurso da Seção Solene da Congregação do Instituto de Psicologia da USP, para a entrega do Título de Professor Emérito a Ecléa Bosi, realizado em 20 de outubro de 2008, na Universidade de São Paulo.

da crítica, do prestígio dos autores, o leitor se entrega de uma forma verdadeira e apaixonada ao livro que está lendo. Minha tia Olga, que me iniciou na leitura, quase sem estudo, foi uma leitora inigualável. Quando leu “Guerra e Paz”, tal foi seu entusiasmo, que chegava a pôr nossa vida em risco. No meio de ruas de grande trânsito, discutia comigo o destino do Príncipe André, da Princesa Maria, personagens de Tolstoi, e nós éramos quase atropeladas no calor da discussão.

Mais tarde, quando estudei leituras de operários, pude verificar de novo a seriedade e a profundidade com que o leitor dito ingênuo se relaciona com a leitura. Mas essas testemunhas da idade juvenil, onde estão todas elas? Já estão todas, como disse Manuel Bandeira, dormindo profundamente.



Francisco Emolo (Jornal da USP).

Ecléa Bosi.

Meu avô desejava muito voltar para rever a sua Itália. Para tanto era preciso economizar. Por causa dessa mítica viagem (que ele nunca realizou), eu andava horas e horas para poupar o dinheiro da condução. Saía do casarão onde estudava nos Campos Elíseos (Colégio Stafford), caminhava até a Avenida São João, atravessava o Anhangabaú, cruzava a Praça das Bandeiras, descia a Consolação inteirinha, e depois a Rebouças até chegar à casa. No caminho observava casebres e palácios e fui tomada pelo horror da desigualdade. Quando expressava essa revolta, os adultos diziam: “Mas esta menina é comunista!”.

Mais tarde descobri palavras e teorias para explicar a desigualdade, mas o sentimento sempre foi o mesmo.

Ao entrar na faculdade, nos anos 1960, fui aluna de D. Anita Castilho de Marcondes Cabral, a lendária fundadora do curso de Psicologia. Ela nos fazia passar os sábados e domingos na biblioteca Municipal (que então ficava aberta) lendo Bérghson, Adorno. Ela votava uma simpatia especial, que nos transmitiu, pelos autores anteriores à escola de Frankfurt, os culturalistas alemães, os fenomenólogos, finos analistas da mente e da sociedade.

D. Anita, mestra brava e áspera, a quem devo estar aqui, porque me convidou a integrar o corpo docente, acreditando na aluna esforçada e tímida que eu era. A gratidão... Como defini-la? Para o pensador Wladimir Janklevitch é “um sentimento feliz diante de uma dívida sem fim”. À medida que o devedor toma consciência de que a dívida é infinita, que recebeu de uma pessoa um dom inesgotável, cresce nele o sentimento feliz, que chamamos gratidão.

Fui discípula de mestres da altura de Ruy Coelho, Cruz Costa, Gioconda Mussolini (cito os que já foram). Dante Moreira Leite, autor do livro *O caráter nacional brasileiro*, que me acolheu no doutorado, foi um orientador exemplar.

EM DEFESA DA SAÚDE DOS OPERÁRIOS E DO MEIO AMBIENTE

Não há destino maior para nossas obras que inspirar políticas públicas e nos fazer exercer alguma militância que vá nos redimir de sermos intelectuais. Minha primeira tese de doutorado foi sobre leituras de operárias. Por isso, tive enorme alegria de trabalhar durante a administração de Luiza Erundina – com Paulo Freire na Secretaria de Educação, Marilena Chauí na Secretaria de Cultura, e na Secretaria de Obras – nas três secretarias pude então prestar serviço à cidade de São Paulo. A primeira área verde que esta secretaria criou foi o parque Chico Mendes; éramos orientados por constante diálogo com os moradores de São Miguel Paulista e tínhamos a esperança de estar realizando uma utopia, embora modesta e pequena utopia.

No caso de leituras de operárias, eu convivi com essas trabalhadoras de São Paulo, que contaram sobre suas leituras, seus desejos, de sua vida cotidiana. Também pude, de alguma forma, agradecer o depoimento delas. Quando trabalhei na ONU, na Organização Internacional do Trabalho (OIT), fiz denúncia de condições de vida na fábrica, especialmente daquelas invisíveis, que são as radiações. Porque a operária que está tendo contato com essa radiação durante o trabalho na fábrica raramente percebe o perigo do emprego dessas radiações, que atingem a mulher especialmente até o terceiro mês da gravidez. A mocinha nem sabe que está grávida. Depois, o dano aos tecidos embrionários da criança. São males cujos danos ao organismo feminino só aparecem anos mais tarde, deixando os culpados impunes e isentos de responsabilidade. Por falar em radiações, participei intensamente do Movimento em Defesa da Vida contra usinas nucleares do Acordo Brasil-Alemanha. Cheguei

a denunciar, em livro de Fernando Morais, as consequências dessas Usinas, depondo na Assembleia Legislativa contra elas. Quem sabe esse movimento ajudou um pouquinho a afastar São Paulo, e das matas e praias da Jureia, as usinas nucleares. Participei também da luta contra o amianto, cujos líderes são operários vítimas do amianto, pessoas admiráveis a meu ver.

Assinalo essas lutas porque consumiram grande parte da minha vida: são batalhas quase sempre perdidas, devido à desproporção de forças, mas quanta energia, tempo e sacrifício se empenha nelas! Guardo ainda a faixa ferida pelos ventos de tantas passeatas!

Mas nem tudo foram causas perdidas na minha inquieta juventude; consegui conquistar meu professor de cursinho, que se declarou ali, na Rua Maria Antonia, e que é meu companheiro até hoje¹.

Como professora, dei minha primeira aula naqueles blocos que hoje pertencem à FEA, Faculdade de Economia e Administração. Cada turma nova é sempre um enigma para nós. Mas os alunos, nestes anos todos, percebendo a timidez da professora, têm-me sustentado generosamente com sua atenção. Muito obrigada a eles.

Fui colega de classe de Iara Iavelberg e professora de Aurora Maria do Nascimento Furtado, nomes que pertencem à história da resistência à tirania. Rendo a minha homenagem à Iara e à Aurora. Quero, na pessoa de Aurora, que para mim nunca morreu, homenagear todos os alunos: que eles se lembrem de sua fé e coragem e do amor que ela sentiu pelo seu povo.

A BUSCA PELA MEMÓRIA

Assim como se marca a impressão digital num documento, nossa narrativa deveria ter a marca do trabalho de nossas mãos. Quem lê *Memória e Sociedade* vai perceber que a pessoa que escreveu é afeita ao trabalho manual. Cheguei a plantar quatro pomares, mas como tanto paulistanos precisei mudar de casa antes de colher seus frutos. Faço votos que alguém os esteja colhendo.

O trabalho manual, ao que me parece, é que deve inspirar o intelectual (vejam-se as cartas de Gandhi a seus discípulos). A mulher que puxa a água do poço, durante anos sente o peso do balde, segura com firmeza a manivela, às vezes a roldana se solta, a água desce e depois custa a subir. É o poço da memória, e foi assim pelo trabalho das mãos que descobri o significado dessa água viva no fundo mais fundo de nós mesmos.

Em *Memória e Sociedade* colhi narrativas de idosos sensíveis às transformações de sua cidade. São narrativas tão belas e tocantes que um cognitivista norte-americano qualificou o depoimento desses idosos de oito milagres nas Ciências Humanas. Eles partiram do mapa afetivo, onde cada bairro guarda uma fisionomia. Nós tentamos – e quanto! – agir pela preservação desses

1. Alfredo Bosi, professor emérito da USP, membro da Academia Brasileira de Letras e um dos maiores críticos literários do Brasil.

espaços, no zoneamento de São Paulo, para que não se perca o significado da paisagem dos bairros de cada um de nós.

A Rua Melo Alves, onde morei em criança, abrigava fundas vilas onde se aninhavam refugiados da Europa nazista. Lembro que gostava de pular corda nessas vilas e, no silêncio de uma tarde, parei assombrada ao escutar música de câmara, pela primeira vez, porque eles haviam resgatado na fuga seus instrumentos musicais.

Nunca me esqueci dessa tarde e pensando neles escrevi sobre o Campo de Terezin. Nesse campo de concentração, Hitler jogou os artistas mais eminentes que ele não poderia fazer desaparecer de uma hora para outra. Nunca houve no mundo tantos artistas por metro quadrado como em Terezin. Não descrevi só o horror (outros já fizeram melhor, como Agambem ou Primo Levi), mas descrevi a beleza das criaturas, a recriação pela arte de um cotidiano perdido. Foi a mesma vibração unindo no mesmo acorde os ecos do Campo de Terezin com os sons daqueles músicos invisíveis que me encantaram na infância.

Entre os dons da memória está o de conviver livremente com o passado, nele buscando a raiz de nossas esperanças e projetos. O verdadeiro memorialista se sente responsável pelo futuro. Dom da memória é a criação de um espaço intersubjetivo, quando amigos se encontram para recordar costumes, lugares, comidas, pessoas... Basta que se evoque algo comum do passado para que se crie um espaço humano denso como é o da rememoração.

A UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE

Sempre me pareceu que o ideal não é servir a comunidade apenas com eventos pontuais, que geralmente não deixam vestígios, mas mediante algo que permaneça e que mude para sempre o cotidiano das pessoas. Pensando assim, estou a serviço da Universidade Aberta à Terceira Idade há vinte anos. Este projeto, que tanto humanizou a fisionomia da USP, recebe os trabalhadores que ainda desejam estudar. Na mesma classe, que eles enriquecem sobremaneira com sua presença, transmitem aos colegas mais novos os tesouros da sua própria história.

Todos somos testemunhas de nossa época. Mas que grau de atenção prestamos aos fatos para relatar no futuro o que presenciamos? Nos cursos que dou sobre memória, não procuro apenas que os alunos se voltem para as lições do passado; desejo formar neles um olhar de testemunhas do presente.

Na tese sobre memória de idosos recolhi não só memória biográfica, como também eles me trouxeram a memória política, cultural, a memória do trabalho e, sobretudo, o que me impressionou, foi a memória das transformações urbanas. As transformações por que São Paulo sofreu e que você não percebe. Ou porque são rápidas demais, ou porque nós estamos lançados num

turbilhão dessa cidade tal como ela é hoje, mas os idosos vão contando como é que a cidade se transformou. Tanto me impressionaram esses depoimentos que então eu quis retribuir, porque a maior felicidade que um pesquisador pode ter é contribuir para uma política pública.

O intelectual sempre tem que ter ao menos a ilusão de que ele está fazendo bem para o povo dele. É um sonho. No terreno da consciência talvez, alguma coisa tenha-se conseguido. Agora, no caso desses idosos, muitos desejavam ardentemente ter estudado e não conseguiam. Nós procuramos junto à reitoria que os cursos da USP aceitassem esses alunos da terceira idade. Foi assim de uma maneira inesperada. Se eu fizesse um apelo burocrático às instâncias da USP, até hoje as minhas cartas estariam rodando. Mas eu fiz outra coisa: escrevi centenas de cartas para os docentes, perguntando: “O senhor aceitaria no seu curso um aluno da terceira idade?”. Cada vez que um dizia “aceitaria”, ia colecionando. Estava criada a Universidade da Terceira Idade, esse projeto que humanizou a fisionomia da USP. Porque chegaram aqui na Universidade Aberta à Terceira Idade vários tipos de pessoas: uma dona de casa que nunca conseguiu estudar; um velho dentista que está querendo se atualizar. Mas a glória do projeto são os velhos trabalhadores manuais que nunca tiveram acesso à cultura. Esses, como o seu Geraldo (mostra fotos do catálogo 2013 da UATI, com fotos de ex-alunos homenageados), que teve uma infância sofrida, passou fome, pedindo esmola para comer; a dona Santinez, que já morreu e espia de uma janela do céu para ver se está tudo bem aqui embaixo; dona Wanda Borgneth, estrela do coral, dona Neuza, que é uma botânica formada na USP e voltou para se atualizar, e seu Sebastião, este famoso, que dormiu embaixo de ponte, foi alcoólatra e hoje só quer estudar filosofia; é muito querido pelos professores.

Nós fomos socializados pela escola, pela família, e desde muito cedo a nossa educação foi dirigida e nós aqui ficamos, como eu na psicologia, por exemplo. Agora imagine que numa certa idade a pessoa queira romper com a sua especialização. Então pergunto “o que o senhor quer estudar?”. “Eu quero estudar botânica. Eu gosto tanto de plantas, mas quero estudar dança também. E quero estudar fotografia, astronomia, oceanografia”. Eles compõem o currículo e fogem dessa especialização, que é um privilégio da terceira idade: fugir desse direcionamento, às vezes até opressivo que a obrigação formal e acadêmica nos obriga. Então eles dão um salto para essa abertura universal, e o professor também ganha com isso: o professor de mineralogia, um titular importante da Politécnica, por exemplo, dá aula de dança para a terceira idade. E ele passa momentos muito interessantes com essa experiência. Um professor de química, se não me engano, dá aula de cinema. Por que não? O professor foge dessa especialização que ele é obrigado a seguir e o aluno ganha também. Outra coisa: é a primeira vez na USP que um aluno se senta ao

lado de um trabalhador manual que não está a serviço dele. Aquela velhinha que mora no cortiço e lava a roupa de todo o cortiço, apesar de ser tão idosa, para poder comprar os livros do curso de psicologia, não é empregada dele; ela é colega. Ela está lutando, ao lado dele, pelo conhecimento, e ainda de uma forma superior, porque é desinteressada; ela não vai ganhar nada, é só a paixão pelo saber. É uma grande lição. São pedreiros, domésticas, pessoas muito simples, ao lado de outras pessoas, evidentemente, que são mais cultas que o professor, pessoas já formadas, com experiência. Mas, então, pessoas assim se sentam lado a lado juntas, fazem trabalhos juntas, pesquisam juntas. Não pense que tudo é harmonioso, maravilhoso, porque um aluno de dezoito anos, recém-chegado, não pode concordar em tudo com um aluno de setenta, oitenta anos. Mas isso é bom, confronto, discussão, diálogo, brigas, tudo isso é muito bonito.

Esses alunos elevam o nível da classe, porque eles têm espessura biográfica. Eles têm uma vida atrás deles, a memória da cidade, a memória histórica, a memória política. Um fato interessante foi o curso de teatro, na ECA. Como eu fiquei agradecida, porque são professores da ECA que poderiam ganhar tanto dinheiro pelo mundo, com atores, e eles davam aulas para alunos da terceira idade. Uma aluna, vestida de uma forma extremamente respeitável e severa, teve que representar uma prostituta em uma peça de Tennessee Williams. “Como? Não é possível isso”, a aluna falou. O professor a mandou representar. E ela representou. Depois, me procurou chorando, dizendo “que experiência! Eu estou vendo o mundo com outros olhos, estou vendo as mulheres com outros olhos”. E outra, que tinha sido presa na época da repressão, ao contrário, teve que representar uma peça de Jorge de Andrade, um teatrólogo bem tradicional, e disse, “eu não vou fazer o papel de uma velha fazendeira reacionária; eu fui presa, sou uma militante de esquerda”, mas teve que fazer o papel e aprendeu também como eram as velhas fazendeiras, de outro tempo, quais eram os seus problemas, os seus sofrimentos. Enfim, as duas aprenderam sobre a condição feminina.

Para mim, esse trabalho respondeu as aspirações longínquas da juventude, pois eu pude romper barreiras sociais. Trazer para cá pessoas que nunca tiveram acesso à cultura e que trabalharam para construir a nossa cidade.

Tivemos em torno de 100 mil alunos nestes vinte anos. As unidades que se envolveram foram São Paulo, Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, São Carlos. Toda essa gente mandou disciplinas. Eu tive oportunidade de ver pelo mundo afora outras Universidades Abertas à Terceira Idade que eram muito boas, mas eram pagas e também separavam os alunos da terceira idade dos demais alunos, de graduação. E a nossa não, eles ficam juntos, o que eu acho muito bom.

Todo ano lamentamos muito quando faltam cursos. Alguns custaram a nos abrir, agora estão nos abrindo. Os alunos gostam muito de cursos de

línguas; nem sempre nós recebemos, espero que daqui por diante a gente receba. Vamos dizer que apareça um curso assim que não é procurado, mas o docente oferece vagas. É uma grande riqueza para o projeto, porque pode aparecer uma velhinha – como apareceu, de bengala, com 81 anos – e, perguntada sobre o que queria fazer, respondeu: “chinês”. Profissão: “passadeira”. Entende? De repente aparece um aluno assim. Cada disciplina oferecida é uma grande riqueza para o projeto, porque há uma pessoa a espera como essa e, um dia, ela virá.